

“COMECEI A PESCAR DESDE CRIANÇA”: O PERFIL DOS PESCADORES À JUSANTE DA UHE DE LAJEADO (RIO TOCANTINS)

“I STARTED FISHING WHEN I WAS A CHILD”: THE PROFILE OF THE FISHERMEN DOWNSTREAM OF THE LAJEADO (RIVER TOCANTINS)

Mariza Fernandes Souza
marizafernandes@mail.uft.edu.br

Alice Ferreira Araujo
ferreiraaraujoalice@gmail.com

Eva Barros Miranda
evabarros2007@gmail.com

Elineide Eugênio Marques
emarques@uft.edu.br

Resumo

O pescador vive em contato com a natureza e o seu cenário diário é o rio. Pescar é uma arte, que resulta da criatividade, sentido e liberdade do pescador. Neste contexto, o presente estudo teve como objetivo caracterizar o perfil dos pescadores do rio Tocantins nos municípios de Lajeado, Miracema do Tocantins e Pedro Afonso, localizados em área atingida pela barragem de Lajeado (Usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães). Para coletar os dados foi utilizada a técnica de “bola de neve”; e entrevistas semiestruturadas aplicadas junto aos pescadores locais. Entrevistou-se 124 pescadores e todas as entrevistas foram transcritas e sistematizadas para serem utilizadas nos resultados. Apesar da proximidade (distância) dos municípios de estudo, o perfil dos pescadores apresenta diferenças e características peculiares quando comparadas separadamente. Essas diferenças devem ser consideradas em implementação de projetos e empreendimentos, pois considerando a região como um todo, não são identificadas as singularidades locais que apresentam de cada lugar.

Palavras-Chaves: Pescador; pesca, perfil; jusante; UHE Lajeado.

Abstract

The fisherman lives in contact with nature and his daily scenario is the river. Fishing is an art, which results from the fisherman's creativity, sense and freedom. In this context, this study aimed to characterize the profile of the fishermen in the Tocantins River, in the cities of Lajeado, Miracema do Tocantins and Pedro Afonso, located in an area affected by the dam of the Luis Eduardo Magalhães Hydroelectric Power Plant. It was used the snowball sampling technique to collect the data; semi-structured interviews were applied to local fishermen. 124 fishermen were interviewed. All interviews were transcribed and systematized for use in the results. Despite the proximity of the cities studied, the fishermen's profile presents peculiar differences and unique characteristics when compared separately. These differences should be taken into consideration in projects and venture implementations, as they consider the region as a whole, ignoring the singularities of each place.

Keywords: Fisherman; fishing; downstream.

Introdução

O pescador vive em contato com a natureza e o seu cenário diário é o rio. Não têm hora certa para pescar, manhã, à tarde ou à noite, o que determina é o tempo. Podem passar dias pescando, levantam seus acampamentos na beira dos rios em busca de uma boa pescaria. Enquanto pescam, seus dependentes estão na expectativa de recebê-los com muitos pescados.

A luta dos pescadores é diária e suas vidas seguem a dinâmica do rio. Para definir se o dia é bom para pescar, alguns observam o rio, outros a lua, cada um a seu modo, com sua cultura, crenças e singularidade do modo de pescar e de viver. Trabalhos de etnobiologia têm provado que o conhecimento empírico do pescador é muito válido para fornecer informações sobre o rio, peixes e seu funcionamento, como mostram os trabalhos de Barbosa et al. (2021), Djidohokpin et al. (2021), Begossi et al. (2016), Mourão; Nordi (2006).

A utilização dos recursos da natureza para a sobrevivência é uma prática antiga que vem desde os primórdios da história do homem, que proporciona uma série de experiências, aventuras e oportunidades de acumulação de conhecimentos. Para Diegues (1983), a pesca é como uma arte, que resulta da criatividade, sentido e liberdade do pescador.

A aproximação com os pescadores abre caminhos para que possamos entender suas relações com a natureza, as histórias de vida, motivações e fenômenos que influenciam as atividades de pesca. Também é uma possibilidade de aprendermos sobre e com os sujeitos da pesca, de atentarmos para outros modos de vida, especialmente diante das transformações socioeconômicas e ambientais (BEGOSSI, 1993; DIEGUES, 2000; BEGOSSI et al. 2016; SILVA et al. 2021).

A pesca é uma atividade que é praticada para subsistência (consumo pessoal) ou para comercialização, e possui grande importância para a sociedade, pois é responsável por boa parte do consumo de alimento em vários países (SANTOS & SANTOS, 2005). No Brasil a pesca é desenvolvida por muitas comunidades tradicionais, com características e práticas de trabalhos diferentes, contemplando modos de vida tradicionais, que regem a vida social e conhecimentos acerca das pescarias (ADOMILII, 2009). De acordo com Paleta e Silva (2011) a pesca é caracterizada por envolver uma diversidade de pessoas, com um papel importante para a manutenção do sustento e a garantia da segurança alimentar de muitas comunidades pesqueiras.

De acordo com Ribeiro, Petreire e Juras (1995), a pesca na bacia Araguaia-Tocantins é desenvolvida por pescadores artesanais, população ribeirinha, pescadores profissionais, pescadores barrageiros e pescadores indígenas. Os pescadores artesanais vivem próximo dos rios, ou em cidades próximas deles, onde costumam comercializar os seus pescados. Os pescadores profissionais são aqueles que utilizam barcos motorizados, cobrindo longas distâncias, e pescam com uso de vários apetrechos. A categoria de pescadores barrageiros cresceu muito após a construção de grandes barramentos com a formação de represas, este grupo é experiente na pesca em lagos artificiais.

A construção de usinas hidrelétricas tem se intensificado nos últimos anos. Apesar de causar inúmeros efeitos negativos, ainda é a alternativa mais utilizada para produzir energia elétrica no Brasil (BORTONE, LUDWIG e XAVIER, 2016). Barramentos de rios causam impactos ambientais e sociais, trazendo mudanças tanto a jusante quanto a montante. Dentre os diversos impactos causados, as regiões a jusante de represamentos sofrem com efeitos diretos e indiretos na atividade pesqueira (AGOSTINHO et al., 2007) e na estrutura do ambiente aquático (TUNDISI & TUNDISI, 2008).

As principais bacias hidrográficas brasileiras se encontram alteradas por construção de barragens, conforme destaca o Plano Nacional de Energia (Brasil, 2007). O rio Tocantins é um dos alvos de construções desse tipo de empreendimento, abrigando sete usinas hidrelétricas, dentre elas a Usina Luís Eduardo Magalhães (Lajeado), que se localiza no alto médio rio Tocantins, concluída em 2001.

Este cenário é cada vez mais frequente em diferentes regiões do Brasil e do mundo. Estudos como este são importantes para fornecer subsídios para o desenvolvimento e/ou conservação da

atividade pesqueira que tem valor socioambiental imaterial em função das conexões entre a sociedade e a natureza que resultam de um processo de coevolução ao longo do tempo.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo caracterizar o perfil dos pescadores nos municípios de Lajeado, Miracema do Tocantins e Pedro Afonso, localizados à jusante da barragem da Hidrelétrica de Luís Eduardo Magalhães, buscando singularidades relacionadas à distância dos municípios em relação à barragem.

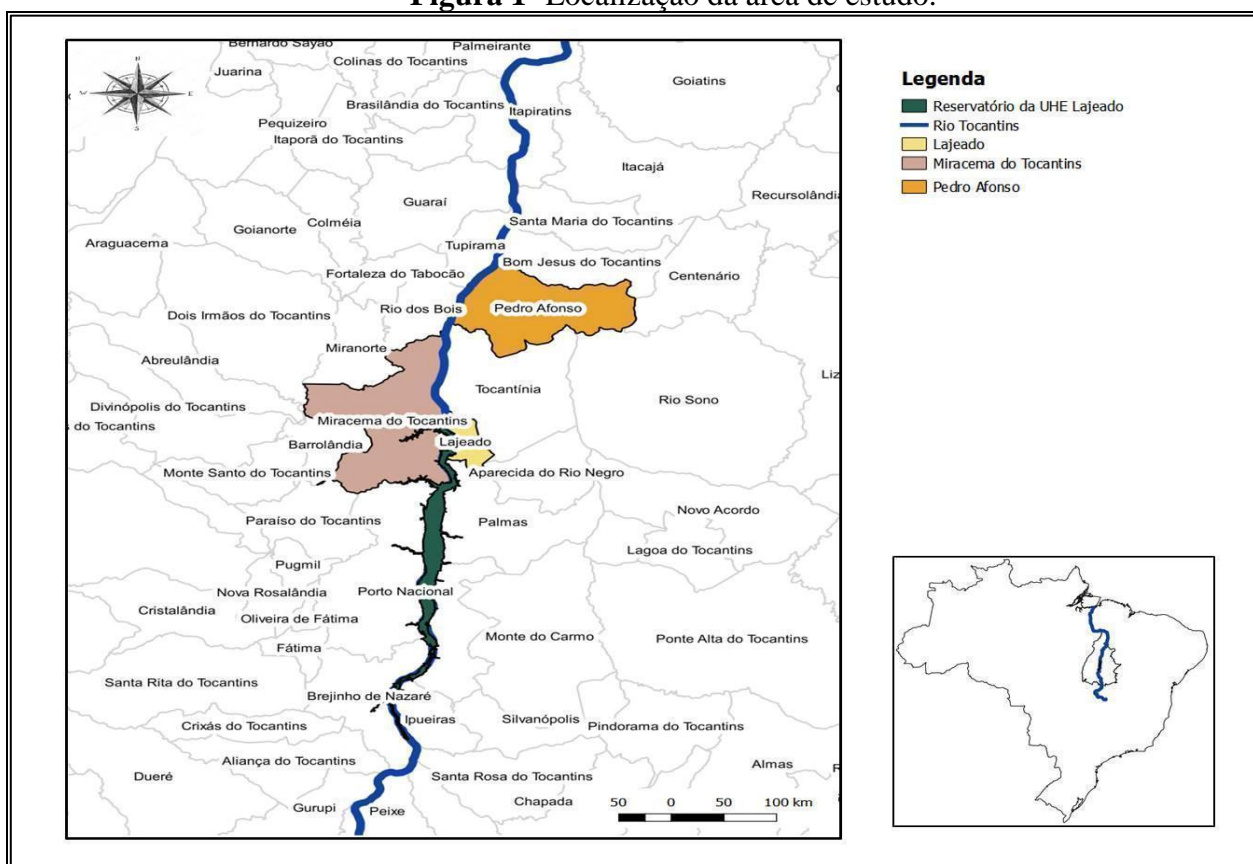
Materiais e Métodos

A área de estudo está localizada à jusante da Usina Luís Eduardo Magalhães (UHE Lajeado), no trecho alto e médio do rio Tocantins, entre os municípios de Lajeado e Miracema (Figura 1). Na região o clima é marcado pelo período chuvoso, que ocorre de outubro a abril, e pelo período seco, de julho a agosto (RIBEIRO, PETRERE & JURAS, 1995).

O presente estudo foi realizado nos municípios de Lajeado, Miracema do Tocantins e Pedro Afonso (Figura 1), entre os anos de 2015 a 2018. Estes municípios estão localizados na região central do estado do Tocantins, onde as zonas urbanas se encontram às margens do rio Tocantins.

De acordo com o último censo do IBGE (2010), o município de Lajeado possui uma população estimada de 3.101 pessoas, Miracema do Tocantins, 20.684 e Pedro Afonso, 11.539 habitantes.

Figura 1- Localização da área de estudo.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

A presente pesquisa trata-se de um estudo qualitativo de natureza aplicada pelo qual foi realizada uma pesquisa de campo com coleta de dados.

Para coletar os dados, realizamos um contato inicial com os presidentes das colônias na área de estudo e uma viagem de reconhecimento de campo nos três municípios, com a finalidade de obter informações preliminares e começarmos um vínculo com os pescadores da região. Após o primeiro

contato e visita à área, buscamos identificar sujeitos que pudessem atuar como “informantes chave” da pesquisa. A partir disso as entrevistas foram iniciadas, tendo como guia um questionário semiestruturado.

Utilizamos a técnica de amostragem “bola de neve” (*snowball sampling*) (BAILEY, 1982), que consiste em realizar entrevistas com informantes e solicitar indicação de possíveis pessoas (pescadores) para serem entrevistados, então dessa forma um indica outro, e, assim, sucessivamente.

No início de cada entrevista foi exposto os objetivos da pesquisa e solicitado aos entrevistados a autorização para gravar em áudio, registrar por meio de fotos a conversa e utilizar as informações obtidas em nossas pesquisas sem a identificação deles. Uma vez obtido o consentimento livre do entrevistado, assim como recomenda Goldin *et al.* (2012), as entrevistas foram iniciadas e gravadas. Ressaltou que para realização das entrevistas os sujeitos se autodeclararam pescadores, independentemente de qualquer reconhecimento formal da categoria.

Todas as entrevistas foram transcritas e os pescadores foram identificados por meio de um número para que sua identidade não fosse revelada.

Na análise dos dados utilizamos métodos qualitativos e quantitativos. Na análise das falas buscamos trechos que possibilitaram a caracterização dos pescadores de cada município e suas singularidades em relação à dinâmica do rio regulado pela usina. As falas dos pescadores foram usadas como citação direta, assim como realizado por Barros (2012). A frequência de ocorrência de respostas foi contabilizada para categorizar o perfil dos pescadores quanto ao sexo, idade e tempo de pesca.

Vale ressaltar que, esta pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa & Desenvolvimento (resolução 604/2012 - P&D ANEEL) em parceria com UFT, que tem como título: “Monitoramento de mecanismo de transposição de peixes na barragem de Usina de Lajeado: atratividade da escada para peixes como alternativa para redução de adensamento de peixes à jusante”, tendo como número de licença 51278-2.

Resultados e Discussão

Caracterização do perfil dos pescadores

Percorremos os municípios de estudo com o intuito de entrevistar pescadores locais e conhecer suas rotinas de pesca. Entrevistamos um total de 124 pescadores, em Lajeado (n= 31), Miracema do Tocantins (n= 49) e Pedro Afonso (n= 44).

De acordo com os dados do IBGE (2010) cerca de 1,09% da população de Lajeado é representada por pescadores, em Miracema do Tocantins 0,25% da população e Pedro Afonso 0,33%.

Dos 124 pescadores entrevistados, 72% são representados pelo sexo masculino, e 28% pelo sexo feminino, sendo que este cenário se modifica na análise por município. O sexo masculino predominou em todos os municípios (Lajeado 71%, Miracema 59% e Pedro Afonso 86%), contudo, a presença feminina na pesca em Miracema é marcante, onde as pescadoras representam 41% dos entrevistados.

O destaque para as pescadoras em Miracema do Tocantins está relacionado ao fato de que a Colônia de Pescadores do município é liderada oficialmente por dois homens, o presidente e vice-presidente, entretanto quem gerencia a pesca local são duas mulheres que auxiliam na gestão da Colônia. Uma delas, mesmo não sendo pescadora, organiza e cuida das questões da pesca local, coordenando as reuniões e incentivando a organização do grupo.

Em seus relatos as pescadoras demonstram que são bem ativas na pesca, não praticam a pesca apenas para “acompanhar” ou “ajudar” seus esposos, muitas delas informaram que passam até dias pescando, pescam sempre acompanhadas e possuem a pesca como meio de renda.

Estas mulheres são protagonistas na pesca, demonstram amor pelo que fazem, como

evidenciam suas falas: “O rio é uma coisa que a gente sente bem, o contato com a água faz a gente esquecer os problemas, gosto de ir 05h30min, aquilo ali é uma coisa maravilhosa (Pescadora 64)”. Outra afirma que a pesca é boa até para esquecer os problemas do dia-a-dia: “A gente esquece todos os problemas de casa, é uma paz para a cabeça da gente (Pescadora 67)”. “Se a gente vai e pega bem, a gente dá de ajeitar as coisas em casa, mas às vezes pega pouco, mas de todo jeito a gente ganha (Pescadora 68)”.

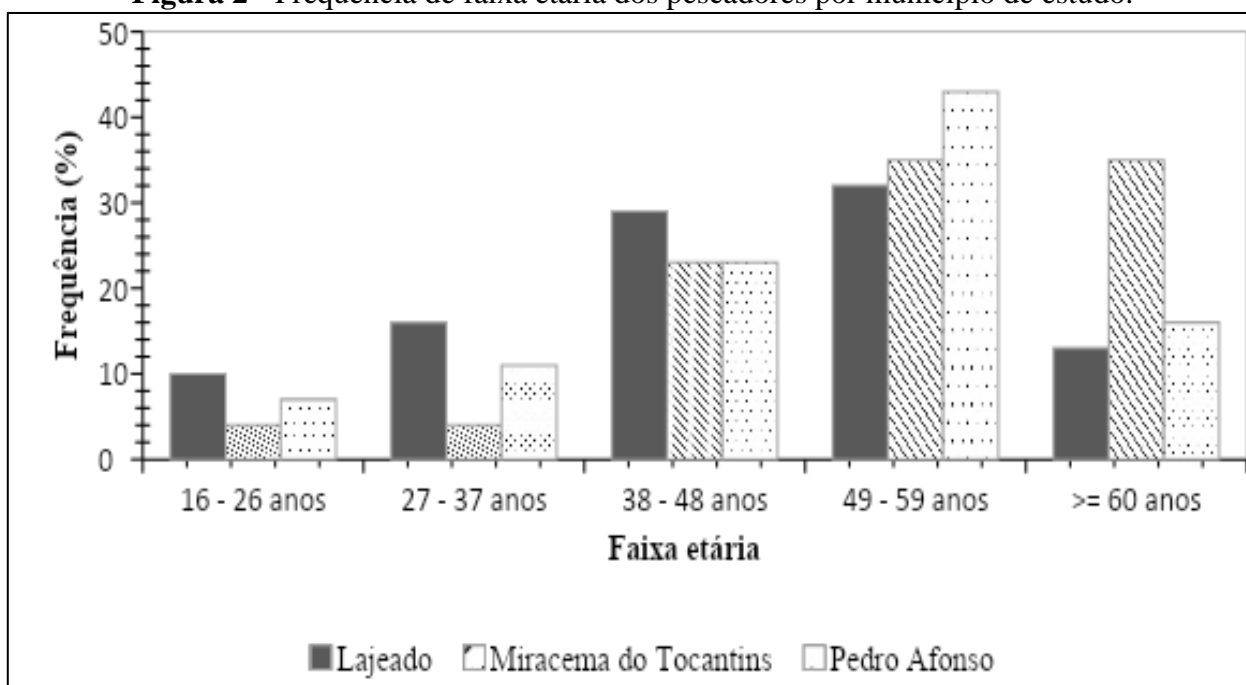
O reconhecimento das pescadoras ainda é pequeno. De acordo com Mendes (2016), existe uma invisibilidade do gênero feminino na pesca, pois as pescadoras realizam todas as atividades que constituem a pesca artesanal e profissional, desde a confecção dos apetrechos de pesca até o beneficiamento do pescado, mesmo cientes de realizarem todas essas atividades pesqueiras, rotulam seu trabalho como uma “ajuda”. Este pensamento se reflete também nas políticas públicas e nos processos de estudos de impacto, nos quais a participação das mulheres só é reconhecida a partir dos movimentos de luta pelos seus direitos (MAB, 2013).

Em relação aos municípios que apresentaram uma pequena porcentagem de mulheres na pesca, Gomes (2007) afirma que este fato não as torna menos importantes. Silva e Dias (2010) ressaltam que a participação das mulheres dos pescadores é importante na sua organização de classe, como fortalecimento das atividades sociais e culturais e no desenvolvimento de atividades na cadeia produtiva, tais como o beneficiamento da produção.

A alta porcentagem de pescadores (masculino) está relacionada ao aspecto cultural, em que o chefe da família é responsável pelo sustento familiar (OLIVEIRA *et al.*, 2013).

A faixa etária dos entrevistados está entre 16 a 82 anos de idade, com maior frequência entre 49 – 59 anos de idade e média de 49 anos. Pescadores na faixa etária juvenil (16-26 anos), apesar de pouco frequentes, estão presentes, principalmente em Lajeado, e os mais idosos, com faixa etária de ≥ 60 anos, em Miracema do Tocantins (Figura 2).

Figura 2 - Frequência de faixa etária dos pescadores por município de estudo.



Zacardi, Saraiva e Vaz (2017) afirmam que os pescadores, mesmo com idade avançada, ainda estão ativos no exercício da atividade pesqueira, que é um meio de sustento de suas famílias e, por este motivo, ainda contribuem com a economia local.

Sousa, Kato e Milagres (2017), em pesquisa realizada com pescadores do município de

Xambioá – Tocantins, observaram que a faixa etária dos entrevistados variou em torno de 20 a 67 anos de idade, sendo mais numerosos acima dos 40 anos, com uma porcentagem de 28,5% entre 41 e 60 anos.

Flexa, Silva e Cintra (2016) afirmam que o baixo percentual de participação dos jovens na pesca nos estudos realizados no rio Tocantins, à jusante da UHE de Tucuruí, ocorreu pelo fato de que a atividade pesqueira não é dada como “atrativa” para a faixa etária juvenil, e em longo prazo pode vir a apresentar dificuldades à renovação do contingente de pescadores da região. A análise do envolvimento do jovem na pesca necessita de detalhamento na área de estudo.

Os pescadores da área de estudo contam suas histórias de vida sempre com muito orgulho, valorizando suas origens e raízes. Dentre as histórias de origem e naturalidade, existem diferentes desfechos. Um dos pescadores contou que mudou para a cidade depois de ser desapropriado. Moravam em terras regulamentadas, como Terras Indígenas – os municípios estão próximos às Terras Indígenas Funil e Xerente, localizadas na margem direita do rio Tocantins, entre os municípios de Lajeado e Pedro Afonso, separadas de Miracema pelo rio Tocantins. Depois que foram desapropriados, ele mudou-se para Lajeado, que na época ainda fazia parte de Tocantínia e ficaram na cidade, onde residem até hoje.

“Nós fomos desapropriados pelos índios [...] Meus avôs sempre falavam que um dia ia sair o estado do Tocantins, até que saiu a demarcação... Chegaram e mandaram pegar o que tinha que pegar, ficou cavalo, ficou gado, ficou porco, ficou galinha [...] Não recebemos indenização e nem outro lugar para morar (Pescador 03)”.

Dentre diferentes histórias acabam se encontrando na pesca, assim como afirma a fala do pescador que é natural de Teresina – PI e mudou-se para Lajeado em busca de emprego, existem aqueles que acabam ficando após o término do empreendimento.

Vim para trabalhar na construção da usina, aí depois que terminou, eu voltei lá em Teresina, porque minha esposa trabalhava lá [...] Depois voltei para cá e fiquei trabalhando nas casinhas da Ilha Verde [...] Depois minha esposa veio e passou no concurso. Eu toda vida gostei de pescar, mas lá não tinha peixe, lá na região onde a gente nasceu tem umas lagoas, mas quando chega no verão não tem peixe, seca tudo. Onde eu fui ver peixe mesmo foi aqui (Pescador 05).

Na área de estudo, 76% dos pescadores entrevistados são naturais do estado do Tocantins, 24% são provenientes de outros estados, principalmente da região Nordeste. Nesse sentido, os municípios se distinguem pois em Lajeado apenas 7,69% dos pescadores são naturais do município, em Miracema do Tocantins 25,5%, e em Pedro Afonso 47,7%.

A origem dos pescadores no município de Lajeado, onde a maioria veio de outros estados, assim como a presença de um maior número de pescadores com menos de 30 anos, alguns iniciando a atividade de pesca entre 21 e 30 anos (ver Figura 3) pode estar relacionado a construção da Usina de Lajeado. Este município abrigou o canteiro de obras da Usina de Lajeado, que foi construída no período de 1997 a 2001. As construções desse tipo de empreendimento trazem a oportunidade de aumento de empregos “temporários” e muitas pessoas migram para esses locais em busca de trabalho e algumas acabam ficando, mesmo depois do término da construção. Em municípios pequenos as atividades extrativistas se apresentam como uma opção.

As cidades que abrigam usinas hidrelétricas passam por um crescimento populacional repentino em um curto prazo, o chamado “boom”.

Neste sentido, Massoli e Borges (2014) afirmam que um dos benefícios considerados pelos moradores da região da Usina Hidrelétrica de Estreito foi à geração de empregos temporários, advindos durante a construção da usina. O mesmo aconteceu em Lajeado e Miracema do Tocantins.

Depois que o processo de desenvolvimento temporário passa, muitas pessoas se deslocam

para outros locais, e alguns acabam ficando. A cidade sofre com essas mudanças repentinas, muitas pessoas investem em algum tipo de negócio lucrativo, mas depois a grande maioria das pessoas vão embora e acabam não tendo mais lucro desde então.

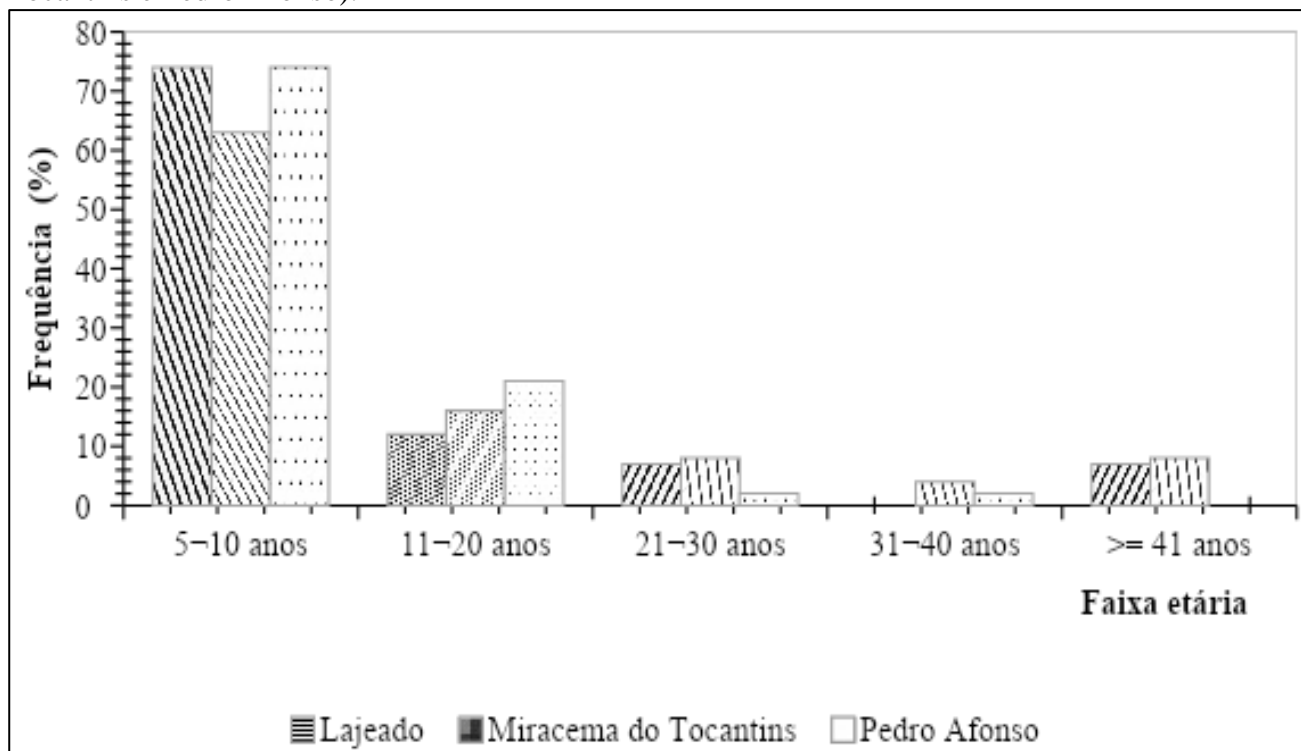
O contexto histórico de povoamento e desenvolvimento de Pedro Afonso, o mais antigo entre os municípios de estudo, e o mais distante da usina (cerca de 150 km), é diferente de Lajeado, que comporta muitos pescadores vindos da época da construção da UHE e Miracema do Tocantins, comporta muitos pescadores naturais da região.

Como se tornaram pescadores

A pesca é uma atividade autônoma na região. Para exercício da atividade não é preciso passar por processo seletivo, não existe patrão, carga horária definida e demissão. Quem comanda tudo é o rio, o clima e os peixes.

Ao perguntar aos pescadores com que idade começou a pescar, muitos responderam que começaram a pescar quando eram crianças, na faixa de entre 5 a 10 anos de idade, com idade mínima de 5 anos e máxima de 54 anos. Em Pedro Afonso praticamente todos os pescadores iniciaram na pesca com idade inferior a 20 anos (Figura 3).

Figura 3 - Início de pesca por faixa etária nos municípios de estudo (Lajeado, Miracema do Tocantins e Pedro Afonso).



O pescador 107 afirma que fazia companhia para o seu pai, desde criança: “[...] rapaz desde que eu nasci, eu andava muito com o velho, meu pai, por essas beiras de rio, uns 7 anos, nós saíamos daqui e ia até perto de Itapiratins, no remo, era difícil”. Outro pescador afirma que: “[...] desde criança, pescava para comer, pescava com os colegas, tinha uns 8 anos (Pescador 58)”.

Salienta-se que os pescadores que iniciaram a pesca após os 40 anos de idade são indivíduos que não são nativos dos municípios de estudo, que em sua maioria começaram a pescar após mudar de cidade, iniciaram a pesca por diferentes motivos, sendo por: necessidade, curiosidade, lazer ou/e para fazer companhia ao cônjuge.

A pesca é uma atividade que não estabelece limites de idade para o início da prática, desde um jovem até o idoso pode praticá-la (CEREGATO & PETRERE JÚNIOR, 2002).

Ao serem indagados sobre como e com quem aprenderam a praticar a atividade pesqueira, grande parte dos pescadores responderam que aprenderam a pescar com alguém, em geral com parentes sanguíneos (mãe/pai/irmão/tio).

Gomes (2007) afirma que podem existir dois grupos de pescadores no que se refere à origem e interesse na atividade pesqueira. O primeiro grupo é daqueles pescadores que possuem uma ligação desde a infância, em que o conhecimento tradicional é passado de pai para filho. O segundo é o grupo dos pescadores que não possui nenhuma ligação histórica com a atividade, podendo ter visto a pesca como uma oportunidade e/ou saída para garantir a subsistência de suas famílias.

Partindo do pressuposto de que a maior parte dos pescadores aprendeu a pescar com parentes sanguíneos (mãe/pai/irmão/tio), perguntamos aos pescadores se mais alguém da família pescava. Do total, 77% dos pescadores responderam que possuem mais alguém que pesca na família, apenas 23% responderam que não, sendo que a porcentagem que respondeu “não”, aprendeu a pescar sozinhos, com amigos ou vizinhos.

É importante salientar que grande parte dos filhos dos pescadores entrevistados não pratica a pesca, esses familiares que pescam são representados por irmãos e tios.

Ao perguntar se eles gostariam que os filhos pescassem, alguns responderam que sim, com a justificativa que seria bom para ajudá-los com a renda familiar, também para manter os filhos por perto, pois acham que atividade é melhor do que sujeitar a ter um patrão. Outros respondiam que “não”, que os filhos estão estudando para seguir outro caminho. Alguns pescadores acreditam que os filhos devem estudar para procurar um futuro “melhor”, eles afirmam que a atividade pesqueira é sofrida e não é fácil viver somente da pesca atualmente.

Os pescadores ficam divididos entre a ideia de manter os filhos por perto ou mandar para longe para tentar outros meios. Este cenário é comum em diferentes comunidades, a sociedade é “atraída” de certa forma pelas inovações do capitalismo e muitos deixam suas origens em busca de outros caminhos.

Este desfecho corrobora com os resultados de Gomes (2007), quando destaca que os conhecimentos de comunidades tradicionais correm risco de extinção, pois não estão sendo repassados para novas gerações, visto que filhos dos pescadores não demonstram interesse na atividade pesqueira.

De acordo com Zacardi, Saraiva e Vaz (2017), uma explicação para essa circunstância é que os jovens podem estar priorizando os estudos e/ou direcionando suas ocupações para outras atividades, consideradas pela maioria deles de maior importância em relação à atividade pesqueira.

Vale salientar que os municípios em análise oferecem poucas opções de estudos de nível superior e empregos para os jovens, sendo assim, muitos mudam em busca de oportunidade de estudo e trabalho em outras regiões.

Associativismo dos pescadores da região

A pesca na região de estudo é organizada por meio de colônias de pescadores. Para se vincular à colônia de pescadores o indivíduo não deve ter vínculo empregatício e durante o período da piracema (época de reprodução dos peixes) os pescadores não podem pescar, sendo assim os que são vinculados às colônias recebem o Seguro Defeso (SD) durante este período.

Este recurso é uma ação do governo. O programa de Seguro Defeso (SD) tem como objetivo fazer com que os pescadores deixem de pescar na época da piracema e para tal o poder público assegura o benefício salário.

O Seguro Defeso (SD) surgiu logo no início dos anos 1990, na esteira dos avanços da Constituição Federal de 1988 (CF/1988). Este programa é dedicado especificamente aos pescadores

com perfil artesanal (CAMPOS & CHAVES, 2016).

De acordo com Schmitz, Motta e Pereira (2013) o Programa Seguro Defeso foi criado com finalidades de proteção ambiental durante o período de piracema, quando a pesca é paralisada pelos pescadores artesanais. O SD concede aos pescadores um salário mínimo a cada mês em que eles estejam impedidos legalmente de realizar a pesca, assim suprem suas necessidades.

No que se refere ao vínculo com a colônia, 52 % dos entrevistados são filiados às colônias locais e 48% não possuem vínculo. A colônia de Miracema do Tocantins, Z-16, é a que apresenta maior número de filiados, com uma porcentagem de 52%, seguido da colônia Z-27, de Pedro Afonso, com 30% e Z-20, de Lajeado, com 19% de filiados.

No município de Lajeado, na colônia de pescadores, apenas um filiado é natural da cidade. A baixa porcentagem de pescadores filiados à colônia de pescadores neste município pode estar relacionada ao fato de que existem muitas pessoas naturais de outras cidades, ou com pouco tempo de residência na cidade.

Miracema do Tocantins possui uma colônia bem organizada, Pedro Afonso, por sua vez, apresenta uma pesca, mais informal, voltada para a distração, alimentação ou praticada por aposentados e pessoas que têm outro tipo de trabalho.

O fato de ter muitos filiados na colônia de pescadores de Miracema está relacionado ao resultado que foi apresentado inicialmente neste trabalho, além de apresentar uma grande porcentagem de filiados do gênero masculino, apresenta uma grande porcentagem do gênero feminino, sobressaindo dos outros municípios de estudo.

Campos e Chaves (2016) afirmam que na atividade da pesca artesanal existem os pescadores que estão envolvidos para a sobrevivência de suas famílias e os pescadores profissionais que pescam, com a intenção de comercialização.

Neste mesmo sentido Mérona *et al.* (2010) destacaram que após a construção da UHE de Tucuruí muitos pescadores filiaram-se nas colônias de pescadores, devido à alta produção de pescados e a necessidade de seguir as regras para obtenção dos recursos governamentais, como o Seguro Defeso.

Bentes *et al.* (2014) apontam que organização de pescadores artesanais auxiliam nas dificuldades geradas em regiões afetadas por barramentos de rios. A organização da pesca e filiação de pescadores em colônias é importante para a região, pois contribui na resolução de conflitos existentes, especialmente em termos de demarcação e uso do espaço para a atividade pesqueira.

Atuação em outras atividades além da pesca

A vida de muitos ribeirinhos e pescadores se dá em sintonia com o rio. O rio vai sempre se modificando entre os períodos de secas e cheias. Na época de cheias, o rio alaga as casas dos ribeirinhos e toma conta de suas roças enriquecendo as várzeas (AGOSTINHO *et al.* 2007).

A rotina dos pescadores se modifica também, adaptam suas tralhas de pesca e vão à busca de pescados que são mais frequentes nas cheias. No período de estiagem o rio fica seco, as pedreiras aparecem e dunas de areias e praias são formadas.

Partindo deste contexto e da relação que o pescador tem com a terra e os recursos da natureza, procuramos saber se eles praticavam outra atividade além da pesca.

Em de Lajeado, 60% dos pescadores desenvolvem outra atividade além da pesca, já em Miracema do Tocantins, 51% e em Pedro Afonso 41% dos pescadores.

Uma frase repetida por muitos pescadores foi: “*Não dá pra viver somente da pesca*”. Dentre as outras atividades praticadas, citadas pelos pescadores, estão: a agricultura, zelador de fazenda (caseiro), atividades em construção civil (ajudante/pedreiro) entre outros.

Os pescadores artesanais, em sua maioria, são pessoas que deixaram a agricultura, saíram de suas roças para morar na cidade, passando a desenvolver a pesca e outras atividades para

complementar a renda (RIBEIRO, PETRERE & JURAS, 1995).

Este cenário é retratado no rio Tocantins, suas margens estão sendo transformadas em loteamentos de chácaras e ranchos de lazer. O pequeno agricultor que cultiva pequenas áreas está perdendo seu espaço. O preço do alqueire de terra vai se valorizando, os proprietários das terras que dão acesso ao rio são pessoas “de fora”, fazem grandes construções, casarões e ranchos às margens dos rios para usarem temporariamente. As pessoas sofrem com a pressão da valorização capitalista do espaço, e acabam deixando o campo para morar na cidade, deixando seu aconchego (BALDI, 2014).

Além disso, o uso da várzea não é mais possível em função da regulação do fluxo do rio pelas barragens e pela operação do reservatório do Lajeado, que opera a fio d' água e faz com que o nível varia por mais de metros diariamente para atender as demandas nos horários de pico. As ameaças à atividade dos vazanteiros foi tratada por Castro *et al.* (2018), que apontou uma tendência de desaparecimento nos próximos anos relacionada com as barragens no rio Tocantins, sendo esta atividade intimamente ligada com a pesca.

Considerações Finais

Este estudo evidencia que o perfil dos pescadores apresenta características diferentes, mesmo considerando a proximidade entre eles. As características dos pescadores são variáveis contribuindo para a alta diversidade socioecológica da região e as formas de conexão entre o homem, o rio e o peixe. A “voz” feminina que fortalece a pesca em Miracema do Tocantins, e pescadores com idade acima de 60 anos e a atividade voltada para a pesca profissional são diferenciais.

A influência da construção da Usina, com a ocorrência de poucos pescadores nascidos na região, acaba influenciando as características do perfil dos pescadores locais em Lajeado, enquanto em Pedro Afonso, por sua vez, o pescador apresenta uma relação singular com a pesca, apresentando características peculiares.

De modo geral, o pescador à jusante da UHE Lajeado, em sua maioria, é representado pelo sexo masculino, praticam a pesca desde a infância, possuindo dessa forma muitos anos de experiência na atividade pesqueira, sendo que a pesca é organizada por colônia de pescadores locais e possuem pescadores com muito tempo de associativismo, se assemelhando a outras regiões do rio Tocantins.

Partindo disto, sabemos que os processos de Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA) seguem um padrão e não consideram as características locais; o perfil dos moradores, a pesca e as espécies, levam em consideração a região como todo, não atentando a singularidade de cada lugar.

É esperado que fatores relacionados à pesca e ao modo de viver da região sejam consideradas na elaboração de licenciamentos de qualquer empreendimento que altere o sistema aquático, sob pena de perdermos um conhecimento importante resultante de uma relação próxima entre o pescador e o rio. Por outro lado, há de se prestar atenção àqueles que estão nas regiões que já foram impactadas, onde as relações socioambientais são completamente alteradas e cuja reconstrução segue em uma lógica “desenvolvimentista” muito diferente deslocando as populações tradicionais.

Agradecimentos

A FAPTO, pelo apoio, e a todos os envolvidos no Projeto de Pesquisa & Desenvolvimento (resolução 604/2012 - P & D ANEEL), pelo suporte. Aos pescadores dos municípios de Lajeado, Miracema do Tocantins e Pedro Afonso, pela colaboração e realização deste trabalho.

Referências

- ADOMILII, G. K. (2009). Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. **MÉTIS: História & Cultura**, 8 (16): 97-119.
- AGOSTINHO, A. A., GOMES, C. L., & PELICICE, F. M. (2007). **Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil**. (Eduem, ed.) Maringá. 501p.
- BAILEY, K. D. (1982). **Methods of social research**. New York: McMillan Publishers, The Free Press, 553 p.
- BALDI, C. A. (2014). Pescadores artesanais, justiça social e justiça cognitiva: acesso à terra e à água. **Revista Colombiana de Sociologia**, 37(23), 91-119.
- BARBOSA, F. M. L. V. RAMIRES, M., MOURÃO, J. S., ROSA, R. S., ALVES, R. R. N. & COSTA-NETO, E. M. (2021). Ethnotaxonomy of Sharks by Expert Fishers from South Bahia, Brazil: Implications for Fisheries Management and Conservation. **Ethobiology and conservation**, 10 (2), 1-12.
- BARROS, F. B. (2012). Etnoecologia da pesca na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio - Terra do Meio, Amazônia, Brasil. **Amazônica**, 4 (2), 286-312.
- BEGOSSI, A. (1983). Ecologia humana: um enfoque às relações homem-ambiente. **Interciência**, 18(3), 121-132.
- BEGOSSI, A., SALIVONCHYK, S., LOPES, PF, & SILVANO, RA (2016). Conhecimento de pescadores na costa do Brasil. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine**, 12 (1), 1-34.
- BEGOSSI, A.; SILVA, A. L.; SEIXAS, C. S.; CASTRO, F.; PEZZUTI, J. HANAZATI, N., PERONI, N.; SILVANO, R. A. M. (2004). **Ecologia de Pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia**. São Paulo: Nepam/Unicamp, 331 p.
- BENTES, E. S., SANTANA, A. C., ALMEIDA, O. T., & SANTANA, A. L. (2014). A pesca artesanal a jusante da Usina Hidrelétrica (UHE) de Tucuruí, estado do Pará. **Novos cadernos NAEA**, 17(2), 167-187.
- BORTONE, F. A. S., LUDWIG, M. P., & XAVIER, K. D. (2016). Contradições da modernidade no processo de des/re/territorialização do lugar: o caso dos atingidos pela construção da Hidrelétrica Candonga. **Revista Elo**, 6 (2), 1-12.
- BRASIL. (2017). **Perfil socioeconômico dos municípios**: Lajeado. Elaboração Gerência de Estatística Socioeconômica e Contas Regionais.
- CAMPOS, A. G., & CHAVES, J. V. (2016). Perfil laboral dos pescadores artesanais no Brasil: insumo para o programa Seguro Defeso. **Boletim do Mercado de Trabalho**. 22(1), 61-73.
- CASTRO, V. B., BARROS, F. B., MARÍN, R. E. A. & RAVENA, N. (2018) Os vazanteiros, a agricultura de vazante e as barragens da destruição no médio rio Tocantins: perspectivas etnoecológicas. **Estudos Sociedade e Agricultura**. 26(1), 65-102.
- CEREGATO, S. A., & PETRERE-JÚNIOR, M. (2002). Aspectos socioeconômicos das pescarias artesanais realizadas no complexo Urubupungá e a sua jusante no rio Paraná. **Holos Environment**, 2(1), 1-24.
- DIEGUES, A. C. (1983). **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática. 287p.
- DIEGUES, A. C. (2000). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 211 p.

- DJIDOHOKPIN, G., SOSSOUKPÈ, E., ADANDÉ, R., VOUDOUNNOU, J. V., FIOGBÉ, E. D. & SOURCE A. H. (2020). Ethnoichthyology of Fishing Communities in the Lower Valley of Ouémé in Benin, West Africa. **Ethnobiology Letters**, 11 (1), 137-151.
- FLEXA, C. E., SILVA, K. E., & CINTRA, I. H. A. (2016). Pescadores artesanais à jusante da usina hidrelétrica de Tucuruí, Amazônia, Brasil. **Bol. Inst. Pesca**, 42(1), 221–235.
- GODINHO, H. P.; GODINHO, A. L. (2003). **Água, peixes e pescadores do São Francisco das Minas Gerais**. Belo Horizonte: PUC Minas, 468p.
- GOLDIN, J. R., PITHAN, C. F., OLIVEIRA, J. G, & RAYMUNDO, M. M. (2012). O processo de consentimento livre e esclarecido em pesquisa: uma nova abordagem. **Revista da Associação Médica Brasileira**, 49(1), 372–374.
- GOMES, K. D. (2007). **Caracterização socioeconômica da pesca e percepção dos pescadores do rio Tocantins sobre as mudanças ambientais imediatamente a jusante da barragem da UHE Lajeado - TO**. 2007. 69f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente) -Universidade Federal do Tocantins, Palmas.
- IBGE. (2010). *Densidade demográfica*. Censo Demográfico 2010, área territorial brasileira. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 23, nov. 2020.
- MAB. (2013). Mulheres atingidas. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/artigo/mulheres-atingidas>. Acesso em: 11. jan, 2021.
- MASSOLI, E. C., & BORGES, F. Q. (2014). Análise das Externalidades Geradas pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA) e o Processo de Desenvolvimento. **Editora Unijuí**, 28(12), 251-278.
- MENDES, S. H. 2016. **Invisibilidade das mulheres na pesca artesanal: uma análise sobre as questões de gênero na colônia de pescadores e pescadoras Z-16 em Miracema do Tocantins/TO**. 2016. Dissertação (Mestrado Desenvolvimento Regional), Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 83 p, Brasil.
- MÉRONA, B., et al. (2010). **Os peixes e a pesca no baixo rio Tocantins: vinte anos depois da UHE Tucuruí**. [s.l]: Eletrobrás Eletronorte, 208p.
- MOURÃO, J. S., & NORDI, N. (2006). Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem etnoecológica. **Interciência**, 31(5), 358-363.
- OLIVEIRA, J. C. S et al. (2013). Caracterização da pesca no Reservatório e áreas adjacentes da UHE Coaracy Nunes, Ferreira Gomes, Amapá - Brasil. Macapá: **Biota Amazônia**, 3(3):83-96.
- PALETA, J. M., & SILVA, C. N. (2011). Pesca e territorialidades: contribuições para análise espacial da atividade pesqueira. Belém: **GAPTA/UFPA**, 308.
- RIBEIRO, M. C. L. B., PETRERE, M. & JURAS, A. (1995). A Ecological Integrity and Fisheries Ecology of the Araguaia-Tocantins River Basin, Brazil. **Regulated Rivers: Research & Management**, 11, 249-392.
- SANTOS, G. M.& SANTOS, A. C. M. (2005). Sustentabilidade da pesca na Amazônia. **Estudos Avançados**, 19, 165-182.
- SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; PEREIRA, J. A. G. (2013). Pescadores artesanais e seguro defeso: reflexões sobre processos de constituição de identidades numa comunidade ribeirinha da Amazônia. **Amazônica- Revista de Antropologia**, Pará, 5:116-139.
- SILVA, L. M. A.; DIAS, M. T. (2010). A pesca artesanal no estado do amapá: estado atual e desafios. **Bol. Téc. Cient. Cepnor**,10(1):43-53.

SOUZA, Mariza Fernandes; ARAUJO, Alice Ferreira; MIRANDA, Eva Barros; MARQUES, Elineide Eugênio. (2022)

SILVA, E., SILVEIRA, F. L. A., MARQUES, O. R., & MORENO, I. B. (2021). A gente acostuma os olhos”: pescadores artesanais de tarrafa e botos-de-Lahille nas paisagens da Barra do Rio Tramandaí. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, 5 (1), 22-45.

SOUSA, D. N., KATO, H. C. A., & MILAGRES, C. F. (2017). Perfil socioeconômico e tecnológico dos pescadores de Xambioá, estado de Tocantins. **Acta Fish**, 5(3),12-20.

TUNDISI, J. G., & TUNDISI, T. M. (2008). **Limnologia**. São Paulo:Oficina de Textos, 631p.

ZACARDI, D. M., SARAIVA, M. L., & VAZ, E. M. (2017). A caracterização da pesca artesanal praticada nos lagos Mapiri e Papucu às margens do rio Tapajós, Santarém, Pará. **Rev. Bras. Eng. Pesca**, 10, 31-43.

Recebido para publicação em novembro de 2022.

Aprovado para publicação em julho de 2023.